

O rio da memória: os rios da cidade do Recife e os intelectuais recifenses da primeira metade do século XX

The river of remembrance: the rivers of the city of Recife and the intellectuals from Recife of the first half of the XX century

Raimundo Arrais

Abstract

This article tries to rebuild the meanings that the rivers take upon the intellectuals born in Recife (Pernambuco state), who maintain strong links with the traditional agrarian society of the producers of sugar, the "lords of the sugar mill". These intellectuals who wrote on the first half of the XX century, seem to be linked in a net of common references that determine the image of an idyllic world which suffers serious blows when, on one hand there is the modification of the methods of sugar production in the region and on the other hand, when the city of Recife is going through a process of modernization that modifies the traditional relations. We will deal here about the ways how they express the changes that—following the process of transformation of nature, the introduction of new relations of production and the decline of its traditional social leading circles in the ensemble of the national economy and politics—the rivers undergo in the XX century.

Resumen

Este artículo intenta reconstruir los significados que los ríos asumen para los intelectuales nacidos en Recife (Pernambuco), los cuales mantienen fuertes vínculos con la sociedad agraria tradicional de los productores de azúcar, los "senhores de engenho". Esos intelectuales, escribiendo en la primera mitad del siglo veinte, parecen estar unidos en una red de referencias comunes que fijan la imagen de un mundo idílico que sufre graves golpes cuando, por un lado, ocurre la modificación de los métodos de producción del azúcar en la región y, por otro, cuando la ciudad de Recife vive un proceso de modernización que modifica las relaciones tradicionales. Trataremos, aquí, de los modos como ellos expresan los cambios que—siguiendo el proceso de transformación de la naturaleza, la introducción de nuevas relaciones de producción y el declino de sus elites tradicionales en el conjunto de la economía y de la política nacional—sufren los ríos en el siglo XX.

Recife - XIX Century - rivers - remembrance

Recife - siglo XIX - ríos - memoria

Mestre em História Social do Nordeste (UFPE, 1994), Doutor em História Social (USP, 2001), professor do Departamento de História da UFRN (Natal).

Publicou os livros:

Recife, culturas e confrontos: a participação das camadas populares na campanha salvacionista de 1911, Natal, EDUFRN, 1996.

O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX, São Paulo, Humanitas/USP, 2004.

É artigos e ensaios em publicações nacionais.

O rio dentro da paisagem

Dentre as cidades brasileiras do século XIX, o Recife foi particularmente privilegiada pela visão dos artistas. A capital da província de Pernambuco foi retratada sobretudo por desenhistas e fotógrafos, os quais, do mesmo modo que os viajantes que deixaram descrições sobre a cidade no início daquele século, como Henry Koster e L. F. de Tollenare, fixaram em imagens a introdução de equipamentos técnicos da era do ferro, a presença da arquitetura neoclássica, a dinamização dos meios de transporte, a movimentação urbana e a paisagem dos arrabaldes da capital, deixando, desse modo, uma documentação valiosa sobre a cidade do Recife. Um dos artistas que retratou a cidade foi o suíço Luiz Schlappitz, que chegou ao Recife em 1858 e produziu, entre 1863 e 1865, numerosas estampas sobre a vida urbana e os arrabaldes da cidade (FERREZ, 1981; MELLO, 1962).¹

Numa de suas litogravuras, Schlappitz compôs uma cena que adquiriu grande força simbólica para os intelectuais recifenses na primeira metade do século XX, fixando um dos elementos naturais sobre os quais a cidade do Recife se formou: as águas dos rios. Em meio à vegetação da Zona da Mata ocupada por residências elegantes, nas cercanias do Recife, em área onde primitivamente foram instalados engenhos de açúcar, o quadro desenhado por Schlappitz transmite ao leitor a sensação da harmoniosa relação entre as indivíduos e a paisagem dominada pelo rio.

O rio foi, desde o início da colonização, o grande meio de comunicação do litoral com as regiões açucareiras, bem o principal caminho por onde desciam, em barcaças, as caixas de açúcar para o porto do Recife, com destino aos mercados de outras províncias ou além do Atlântico. O que fora um primitivo lugar de pescadores foi se convertendo no grande porto da região, levando o Recife a conquistar a posição de vila em 1709, cidade em 1823 e capital em 1827. Nesse momento, o Recife, governado por uma elite de agricultores e comerciantes, já havia se firmado como centro de toda a economia do açúcar localizada dentro de uma vasta área que cobre

hoje o equivalente a cinco estados da atual região nordeste.

Seus dois grandes rios são o Capibaribe e o Beberibe. Descendo de Olinda, situada uma légua ao norte do Recife, o rio Beberibe vem se juntar às águas do Capibaribe, que, depois de percorrer 80 léguas desde o sertão, engrossado pelas mananciais de pequenos rios nas proximidades da planície do Recife, recorta a planície em áreas que constituirão os bairros centrais da capital, um conjunto formado por um istmo e duas grandes ilhas dentro da planície situada nesse ponto de encontro dos rios com o oceano (SILVA, 2001). Em 1863, o Capibaribe, segundo um escritor da época, era navegável:

de sua foz até duas léguas de extensão, por canoas e botes, no tempo de verão, e com a enchente da mar, que lhe aumenta o volume na preamar; no inverno, porém, que todos os riachos seus correm para lhe aumentar o volume, torna-se caudaloso e alaga as suas margens até grande extensão, causando estragos em muitas dessas ocasiões (HONORATO, 1976: 33).

Naquele tempo, segundo o mesmo escritor, suas margens eram *muito férteis, e quase todas povoadas, notando-se a comarca do Recife, que tem várias povoações florescentes e populosas, que servem de recreio as habitantes da capital. Conserva sempre peixe, e pelo inverno abunda grandemente.* (HONORATO, 1976: 33).

Meio século depois, no início do século XX, os rios do Recife, especialmente o Capibaribe, se converteu numa grande fonte de evocação do passado da cidade. O rio Capibaribe vai tornar-se uma forte referência visual sobre a qual vai se projetar a imaginação dos intelectuais recifenses que viveram naquele mundo de transformações que acompanharam o declínio econômico e a diminuição da força política da área açucareira de Pernambuco no conjunto nacional, de modo particularmente visível após a implantação do regime republicano de 1889 e a intensificação do êxodo tanto dos grandes contingentes de pobres tocados das regiões agrícolas atingidas pelas grandes estiagens, como pelos filhos das elites e classes médias que, no

centro do país, irão buscar constituir carreiras no jornalismo, na literatura, no ensino ou na literatura (LEVINE, 1980). Em *Ordem e progresso*, livro de 1959, Gilberto Freyre analisou esse fenômeno:

Várias foram, então, dentre essas famílias, as que se desorganizaram, pela emigração para o Sul da República ou para o extremo Norte daqueles dos seus membros mais capazes de buscar na aventura em terra estranha a possível solução para seu infortúnio econômico. [...] Essa atração é que se transformou em necessidade com a débâcle da chamada açucarcracia. Tornaram-se então legião, os moços do Nordeste e do Norte da República —algumas das melhores inteligências, das melhores energias, das melhores capacidades de ação das agora decadentes, terras do açúcar— que como bacharéis em Direito, médicos, engenheiros, militares, deixaram suas terras para se tomarem magistrados, burocratas, profissionais no Sul; ou para se ligarem pelo casamento a famílias sulistas, alguns se tomando genros de barões do café ou de estancieiros, no extremo sul (FREYRE, 1974: 406).

As imagens mais fortes que o rio evoca, contudo, se localiza num mundo anterior ao declínio da região. O rio vai atrair o interesse dos recifenses que vão mirar com saudade a infância localizada num mundo dos engenhos, das matas e dos rios. Na estampa de Schlappriz está um dos lugares onde se enraizam as experiências de exílio, lugares que correspondem ao tempo de suas infâncias recifenses. Neles, vão buscar o repouso de um tempo pretérito o escritor Gilberto Freyre, o historiador Oliveira Lima, o poeta Manuel Bandeira, o historiador e diplomata Joaquim Nabuco e muitos outros. Pela reconstituição da memória, esses autores conferem uma certa organização e cor à paisagem, projetando nela os grandes desejos e as tensões vividos no seu presente (WILLIAMS, 1989). O primeiro dos autores referidos, Gilberto Freyre, consultara a coleção de litografias de Schlappriz em sua dissertação de mestrado, de 1922. Compondo a trama que une, nesse tecido da saudade que parece prender, de um modo ou de outro, todos os pernambucanos dessa geração que vive e recorda na primeira década do século XX, essas

quatro vidas formam o fio principal em torno do qual vão se agregando outros nomes, de menor significado e prestígio intelectual.²

É nesse enlaçamento que eles compõem a paisagem no centro da qual corre o rio Capibaribe. Na descrição de Manuel Bandeira, em 1966, o rio aparece como o elemento de destaque dentro da paisagem da infância distante: *Mas o capítulo que entre todos me dá a sentir o encanto envolvente da minha terra é o da água. E prossegue, associando a imagem de Schlappriz a uma página de Gilberto Freyre:*

Tenho em meu quarto uma estampa de Schlappriz representando um trecho do Capibaribe na passagem de Madalena: fundo de velhos sobrados patriarcais, coqueiras, mangueiras, banheiros de palha, botes de vela e de vara com figurões de grande barba e chapéu alto, um escravo lavando um cavalo branco... É o Capibaribe que Gilberto Freyre retrata em suas páginas, o Capibaribe ainda não emparalhado pelas caldas fedorentas das usinas, o Capibaribe onde as moças tomavam banho em camisa na sombra úmida dos banheiros de palha, onde os estudantes pálidos, de fraque preto, colarinho duro e botinas de verniz faziam serenatas de bote (BANDEIRA, 1966: 243).

Nas recordações que Oliveira Lima guardou do Recife do século XIX, o rio Capibaribe também liga Schlappriz a Gilberto Freyre. Em artigo escrito para jornal, em 1917, ele descreve o Recife de 1865 como o Recife das litografias de Schlappriz. (LIMA, 1986: XII-XIII). Em suas memórias, publicadas postumamente, em 1937, ele descreve o Recife que reviu num mês de dezembro de 1890, quando permaneceu numa residência de arrabalde pertencente a um membro da família. Uma residência:

Onde reinavam abundância e cor-dealidade [...], solida como uma fortaleza e fresca como uma igreja, com alto terraço sobre a estrada com assentos de pedra, á moda portuguesa, e um sítio de coqueiros e mangueiras que descia até o riacho indo desaguar no Capibaribe, parte nos engenhos da família do barão de Suassuna, com cuja irmã mais velha era meu irmão casado...

Ali, prossegue o memorialista, retomando a associação entre a paisagem idílica de arrabalde e a obra de Gilberto Freyre: *Saboreei, com apetite dos vinte e poucos annos, as petiscos excellentes da nossa cozinha luso-brasileira, que Gilberto Freyre está tratando de valorizar e n'alguns casos reviver; os banhos de rio á sombra dos ingazeiros em cujos ramos adejavam bandos de beija flôres. E logo depois, as associações se projetam para as descrições cheias de minúcias que o viajante Henry Koster havia deixado sobre o Recife do início do século XIX: Oliveira Lima fora conduzido do porto para os subúrbios além das pontes, numa carruagem farrada de seda com lanternas de prata e o cocheiro e trintanario, fardados de azul e encarrapitados sobre uma alta boleia que parecia arrancada das paginas de Koster (LIMA, 1986: 93-95).*

O apelo a Schlappitz e a Koster na composição da paisagem do passado daqueles homens, todos vinculados à elite local, traz à luz um dos pontos que os uniam: a convergência nos significados extraídos da leitura da paisagem da litogravura mencionada e a consagração de Gilberto Freyre como o escritor que lidera a corrente regionalista do modernismo brasileiro, erigindo, com *Casa Grande & Senzala*, de 1933, uma interpretação do passado da família patriarcal centrada no nordeste açucareiro, o grande marco que institui o nordeste como realidade geográfica e ideológica, (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999) Encravando a imagem de Schlappitz na página de Gilberto Freyre, a evocação de Manuel Bandeira não deixa de sublinhar, entretanto, um elemento ausente na imagem do rio do século XIX: em Freyre, tratava-se de um Capibaribe ainda não emporcalhado pelas usinas.

Para esses autores, a partir do século XX, com a instalação das usinas, a paisagem dos canaviais, dos rios e dos arrabaldes, será ferida pela modernização. As transformações introduzidas na organização agrícola e fabril, sobretudo a partir das usinas, que se expandem entre a última década do século XIX e a primeira do século seguinte, vai degradar a relação entre indivíduos e meio ambiente. É justamente no início do século

XX que, entre os historiadores pernambucanos, encontramos os primeiros sinais da atitude de ardente anseio pela paisagem local. Por vezes, se manifesta neles o esforço para afirmar nessa paisagem a marca de uma unidade de destino entre homem e meio. Alfredo de Carvalho, em 1907, descreve a transformação do cenário dos canaviais em volta dos engenhos que circundavam o Recife. Nele, o equilíbrio que percorre a paisagem é modificado, a partir do século XIX, pela introdução dos melhoramentos técnicos na atividade agrícola da cana de açúcar:

Em todo o territorio pernambucano foi no transcurso do século passado que o rapido augmento da população tornou cada vez mais consideraveis as alterações no aspecto da paisagem, para o que o progresso cultural das últimas tempos trouxe novos elementos ou poz em mais vivo relevo os já existentes, com a construção de edificios de architectura diversa da colonial, de usinas, de fabricas e de pontes, com a expansão e melhoramento das estradas de rodagem, com a introdução de vias-ferreas e de linhas telegraphicas (CARVALHO, 1907:348).

No início do século, todavia, o movimento das forças econômicas que agem dentro da paisagem não chega a modificá-la de modo considerável, ponderava Alfredo de Carvalho. O cenário tradicional mantinha os sinais daquela grandeza dominadora da flora priméva, cujos limites a actividade do homem só em gráo relativamente diminuta tem conseguido deslocar (CARVALHO, 1907: 348). Para Alfredo de Carvalho, os subúrbios da cidade, com seus canaviais, um dos elementos mais peculiares da actual paisagem pernambucana (CARVALHO, 1907: 350), falava do passado dos indivíduos e contribuía para ajudar a definir o lugar deles num mundo em transformação. Em suas páginas, é nítido o esforço de reaproximar os homens da natureza, vendo nela o lugar onde estava escrita a própria história daquela sociedade. O mundo que se tinha em mente estava situado não nas forças industriais, mas na natureza; no passado, não nas forças do progresso industrial. Em livro de 1906, Alfredo de Carvalho, escrevendo sobre a ilha de

Itamaracá, uma das áreas onde se iniciou a colonização de Pernambuco, indaga: *Se, por assim dizer, abrigou o berço da cultura ocidental em terras pernambucanas, como maravilhar de que ali tudo nos fale do passado, as obras humanas e a própria natureza?* (CARVALHO, 1986: 5) E completa, desafiando a enumeração reveladora de como se comunicam entre si a natureza e as experiências sensoriais dos pernambucanos:

São os coqueiros, verdes e interminos, farfalhando de concerto com o marulho das vagas num ruído musical, que penetra a alma de estranhos amáveis e desperta a nostalgia inexplicável de chimericas regiões do sonho; são os parreiros viçosos fructificando em uvas deliciosas, já tão louvadas outrora que Maurício de Nassau as escolheu para emblema heráldico da capitania; são os vultos enormes e sombrios das venerandas mangueiras centenárias abrindo as amplas comas em naves de templo e escondendo os dourados pamos, as saborosas mangas Jasmim, a recordar a poética lenda de amor... (CARVALHO, 1986:7)

Cada um a seu modo, no diapasão da sua própria linguagem, todos enraizados num mundo rural, autores como Alfredo de Carvalho, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre e Manuel Bandeira se tocam aqui, partilhando com tantos outros mais, destinos, leituras e experiências comuns. Cada um percorria um caminho dentro da cidade, mas todos os itinerários se cruzam, e esses cruzamentos parecem, por sua vez, influenciar as rotas de cada um deles. Nesses autores, é comum a experiência de uma espécie de exílio localizado no espaço e também no tempo. Em muitas de suas páginas podemos visualizar passagens que expressam um grande esforço de conciliar uma vivência cosmopolita experimentada no mundo industrial e urbano, nos Estados Unidos e na Europa, e o ambiente local em que passaram suas infâncias. Alguns desses intelectuais se transferiram definitivamente para o Rio de Janeiro, outros se fixaram em demoradas residências no exterior ou experimentaram largos anos de formação intelectual nos Estados Unidos ou na Europa.

Mas todos eles haviam deixado um passado num tempo distante em que as relações pessoais e os laços familiares, como estampas do passado, se organizavam num quadro em que as forças da mudança pareciam contidas pela tradição. Contudo, essas mudanças não tardaram a vir, no final do século XIX, introduzindo-se no mundo da produção açucareira, promovendo o lento declínio dos engenhos e sua substituição pelas usinas, sistema de produção que introduz princípios industriais nas áreas de açúcar, alterando relações de trabalho tradicionais, depois de extinto o trabalho escravo. A sensação de ruptura de antigos laços sociais e de estranhamento diante das forças da natureza será externada pelos intelectuais ligados ao mundo agrário, num tempo em que o Recife, por sua vez, assumia a forma de metrópole regional, com um dinamismo que modificava a paisagem vinda do século XIX. Na capital, assumiam grandes proporções os dramas sociais da pobreza (BERNARDES, 1998: 27-71), exprimindo-se na sua literatura a sensação de estremecimento da vida social e das tradições (ANDRADE, 1989; CAMPOS, 2001; ARRAIS, 2004).

A paisagem rural dos engenhos será justamente o berço onde vão repousar as reminiscências desses indivíduos. Joaquim Nabuco busca, em suas memórias, publicadas em 1900, essas primeiras tiragens da alma. Nele, a lembrança do rio da infância traz uma das mais decisivas impressões:

Muitas vezes tenho atravessado o oceano, mas se quero lembrar-me dele, tenho sempre diante dos olhos, parada instantaneamente, a primeira vaga que se levantou diante de mim, verde e transparente como um biombo de esmeralda, um dia que, atravessando por um extenso coqueiral atrás das palhoças dos jagadeiros, me achei à beira da praia e tive a revelação súbita, fulminante, de terra líquida e movente... Foi essa onda, fixada na placa mais sensível do meu kodak infantil, que ficou sendo para mim o eterno clichê do mar. Somente por baixo dela poderia eu escrever: Thalassa! Thalassa! (NABUCO, 1976: 119).

O rio e os recifenses

Parte significativa dessa inclinação para a evocação da cidade se agrega, já nos anos vinte, em torno do Centro Regionalista do Nordeste – núcleo de arregimentação e militância do modernismo local, que se fundamenta na aliança conciliatória entre modernismo e tradição, assumindo a fórmula do regionalismo tradicionalista, francamente distinto do modernismo que irradiava das áreas industrializadas e urbanizadas do país (AZEVEDO, 1996).

Em 1924, um dos membros do Centro Regionalista, o médico Amaury de Medeiros, escreveu sobre *A fisionomia das árvores*, um pequeno ensaio que trazia uns ecos de teorias sobre raça e meio, patente nos estereótipos dos tipos vegetais, projetando traços dos indivíduos, projetando nas espécies locais traços e sensações ligadas às relações humanas: conforto, amizade, benevolência. Assim, as mangueiras, identificadas como acolhedoras, com seus galhos longos como longos braços distendidos para dar sombra e proteger, apresentam a fisionomia tranquila das boas donas de casa que sabem receber a todos, com carinho e simplicidade, e com este ar maternal por toda gente conhecido e já tão estylizado nos nossos romances de costumes (MEDEIROS, 1924: 3). A seguir, ele se aos bellos e calmas coqueiras, reputando-os o grande motivo esthetico de nossas praias do norte (p. 4-5). O cajueiro, por outro lado, é o bohemio de nossos longos areiaes do littoral, suas raízes fracas e imprevidentes mal se firmam no solo frouxo. E prossegue nesse estilo, semeando adjetivos sobre a paisagem, identificando a existência de árvores facinorosas, como o gameleiro, que vemos todos os dias agarrado às outras árvores em abraços fataes (MEDEIROS, 1924:3).

Contudo, as forças do mundo moderno interferem largamente sobre essa natureza de qualidades humanas. Amaury de Medeiros vai chamar a atenção para um elemento relacionado com as transformações que o Recife ia sofrendo, o urbanismo adotado pelos administradores locais, que pretendia impor uma norma racional sobre a natureza introduzida na cidade. Assim, os jardins acabam por retirar aquele caráter hu-

mano das árvores do Recife, à medida em que iam aparando as árvores e, na expressão do autor, *uniformizando-as como militares ou mascarando-as como para um baile de phantasia permanente* (MEDEIROS, 1924:16).

Ao retornar da longa temporada de formação intelectual nos Estados Unidos e na Europa, Gilberto Freyre reage à dissolução daquela unidade entre homem e natureza que teria existido anteriormente à modernização da cidade e do campo, dirigindo a atenção para o rio. É na familiaridade do rio que ele encontra repouso. Dentro do quadro de mudanças da modernização, o rio é o principal força de permanência. Diante da mudança de escala de apreciação do jovem em relação à infância, só o rio preserva as mesmas proporções de sempre, só o rio é sempre o mesmo dentro da paisagem:

Por outro lado, o rio não me desaponta. Não é nenhum riacho: é um rio másculo, viril, completo, que não se amesquinhou com o tempo. Ao contrário: sinto diante dele meu velho temor à suas águas. Temas do tempo em que, muito menino, tomava banho em Caxangá, em vasto banheiro de palha, com minha Mãe e minhas tias todas nuas; e tendo sido uma vez deixado só, por elas, e não sei bem por quê, no meio da água funda, pensara ir morrer afogado. Chegara a me sentir sufocado. Desde então 'o rio' se tornara para mim o mais tremenda realidade recifense: um Recife com gosto de morte (FREYRE, 1975: 145).

No rio, o observador podia se abismar, à procura de uma propriedade imperecível do tempo. Na companhia do romancista José Lins do Rego, seu amigo próximo, futuro autor do ciclo da cana-de-açúcar, ele contempla o rio. É por meio de uma descida pelo rio Capibaribe que ele procura reintroduzir o poeta Manuel Bandeira nas lembranças de sua infância, na descoberta íntima dos valores meio esquecidos no passado, alcançando, no seio dos arrabaldes, o mundo da natureza (FREYRE, 1987: 612-162). Assim, percorrer o rio representa a travessia que o conduz às fontes originais da vida, onde ele vai reencontrar, pelo despertar da memória, a infância mergulhada nas forças naturais, naquele tempo primordial povoado pelos antepassados.

Todavia, esse é um Recife que não pode mais ser visto, transfigurado pelas forças modernizadoras e pela industrialização. Mas poderia ser recuperado pela memória e pelos despertar dos sentidos mais profundos do recifense.

Do mesmo modo que ele se empenha em converter o poeta Manuel Bandeira para a causa do regionalismo mediante um percurso pelo rio Capibaribe, o rio da infância do poeta, Freyre, o jovem recém-chegado do exterior, já havia procurado no rio o conforto e o esquecimento das mágoas de um mundo cheio de incompreensão, provinciano, tradicionalista e ao mesmo tempo embasbacado com os eflúvios do cosmopolitismo parisiense:

Compreende sua sedução de trágico pelo rio que um desses dias levamos quase uma noite inteira a contemplar, ele, eu e J. L. da R., sentado na relva do Poço da Panela. Eu próprio sinto atrações meio trágicas por este rio. Que graça teria o Recife sem este seu rio entre lírico e trágico? Que sugestões dramáticas? Que profundidade de vida? Que mistério de passado a projetar-se sobre o futuro de cada um de nós, que somos do Recife ou nos tornamos do Recife, em grande parte pelo batismo não só do corpo mas da alma nestas águas, que nunca se limitaram a ser apenas presente ou somente atualidade? É incompleto o homem a quem falta um rio no qual ele pense até em desaparecer, quando a incompreensão dos outros homens for tão grande que ele precise de voltar ao ventre da água. É incompleta a cidade ou a província a que falte um rio que ligue todos os efêmeros presentes com o seu passado e com o seu futuro (FREYRE, 1975: 145).

O rio, como toda a natureza, evoca a unidade desse conjunto do mundo tropical, esse complexo mundial que é o mundo luso-tropical criado pelos colonizadores portugueses (FREYRE, 1940). Essa memória está adormecida nos sentidos e pode despertar sob o estímulo das associações táteis. Sua raiz histórica está na ação colonizadora com que os portugueses, nos tempos modernos, abriram as velas rumo aos territórios incógnitos, promovendo a ligação entre várias partes do mundo e inserindo-as numa mesma

corrente econômica e mental inicialmente sob o domínio da Europa ibérica, criando assim as condições para aquilo que Freyre vai designar de mundo luso-tropical, uma totalidade que guardava certas similitudes entre natureza, cultura e relações étnicas. É nessa analogia existente entre a paisagem dos trópicos, de qualquer lado do planeta, que se manifestam as forças integradoras tão prezadas por Freyre. Uma das experiências dessa similitude foi vivida por um fisiopatologista alemão, professor Konrad Guenther, que, passeando pela região da Mata, na região do parque Dois Irmãos, teria recordado, segundo Freyre, os dias em que visitara o Ceilão (FREYRE, 1961:160).

Mas é nas águas, mais do que nas matas, que está a fonte onde brota a memória dos sentidos inscritos numa ordem patriarcal desaparecida. No *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, cuja primeira edição é de 1934, Gilberto Freyre —referindo-se às águas do mar de Boa Viagem, a área de veraneio ao sul do Recife, que, nos anos vinte, com a abertura da avenida beira-mar, se torna o grande centro dos prazeres da vida moderna—reconstitui a temperatura da água, de uma tepidez que deixa uma profunda sensação de conforto no corpo do banhista. Infelizmente para o banhista procedente de regiões procedentes do Recife, essa sensação não pode ser usufruída em sua plenitude (MOREIRA, 1994), pois sua descrição das águas do mar remete às sensações adormecidas na memória que pertenciam não apenas a um indivíduo, mas de um grupo social, aqueles que experimentaram os gozos sensuais propiciadas pelos cuidados das escravas dentro da casa patriarcal. As águas do mar de Boa Viagem recordam os rios familiares que corriam por dentro dos engenhos ao norte e ao sul da cidade:

Tem-se a idéia de que, dentro dessas piscinas, alguém prepara a água de banho: uma misteriosa mucama que gradua a temperatura do mar — o mar assim condicionado em piscinas — para regalo dos muitos iaiãs e das muitas iaiãs da terra ou vindas do Sul e do estrangeiro que não encontram aqui o frio das águas europeias ou mesmo das de Copacabana; e sim uma água ao mesmo tempo verde e morna (FREYRE, 1961:1953-54).

Na obra de Gilberto Freyre, é nas sensações corporais e não na história aprendida nos manuais que se encontra o sentimento local que vai ser chamado de região, e especificamente região nordeste. Num momento de definição das regiões como forças identitárias, o recorte geográfico também é um recorte construído com os sentidos do indivíduo. Essas definições regionais, nos marcos das primeiras décadas republicanas, não são construídas pelo gesto do administrador, pelas decisões políticas, pelo traçado técnico. Para Freyre, a região está desenhada nos sentidos do corpo. Isso pode ser ilustrado com a idéia, presente nos textos desse autor, segundo as quais a sensação corporal das águas desempenha o papel de uma linguagem que delimita aqueles que estão enraizados na região, e, por conseguinte, deixa visível os que não pertencem a ela, os de fora, os que procedem de outros pontos do país, portanto alheios aos segredos sensuais que somente a intimidade da cidade propicia.

Noutra passagem do Guia, Gilberto Freyre alude, mais uma vez, à temperatura da água, procurando comunicar ao leitor aquela experiência que se dá pela associação das águas de Boa Viagem à sensação de aconchego proporcionada pelas mãos zelosas das escravas, produzindo sensações adormecedoras experimentadas pelos pernambucanos que viveram dentro das casas grandes. Portanto, o turista terá a naquelas águas a experiência incompleta. Ele não receberá regalos como o *cafuné* de escrava, não pode gozar plenamente os favores que os escravos proporcionam aos senhores dentro das casas grandes. As águas de Boa Viagem, escreve ele, *Tão morna que parece banho de mar dos outrora preparados por mucamas para seus iaiôs de estimação.* Assim,

à água quente da beira da praia se misturam deliciosamente outras águas: mornas e até frias. A sensação é a de um banho mágico, encantado. Já não é um simples banho preparado por mucama misteriosa para seu iaiô ou para sua iaiô mas por moura de história fantástica para o seu predileto; e esse predileto é toda o indivíduo que entre no mar naquelas

*piscinas. É o pobre, é o rico, é o nativo, é o turista. Ninguém dá *cafuné* no turista, é certo; mas há por vezes uma brisa voluptuosa que sopra do mar sobre os cabelos do indivíduo mais indiferente a agrados, acariciando-os como se fosse mulher festejando o namorado (FREYRE, 1961: 54).*

A morte dos deuses das águas

Em várias passagens de sua bibliografia, Freyre se reporta à relação dos recifenses com os rios. Nesse mesmo Guia, Freyre introduz um tópico intitulado *Águas de Mar e de Rios do Recife*, descrevendo a relação existente entre os pescadores e suas crenças ligados à água, mencionando inclusive a seita dos adoradores de água e dos astros. Contudo, essa emanção mágica, vinculando os indivíduos ao mundo da natureza, cede à força das transformações que a cidade enfrenta na passagem do século XIX para o século XX. Uma dessas forças está na produção açucareira das usinas e em particular nos resíduos industriais que elas vertem sobre as águas dos rios. A outra, está localizada dentro da própria cidade e dos movimentos que a afetam a partir da segunda metade do século XIX. Os médicos higienistas, enfronhados nas preocupações em torno da salubridade urbana, lembrem insistentemente que a degradação das relações entre indivíduos e o meio não se restringia ao campo, mas afetava, com força crescente, a vida dentro da cidade. Na verdade, a agressão às águas dos rios acompanha paralelamente os problemas da administração urbana dos resíduos produzidos dentro da cidade, que se convertem num problema que, em vez de ter sido solucionado pelo aparelhamento técnico que a cidade recebe na segunda metade do século, parece agravar-se, para pesadelo dos reformadores.

De fato, os relatórios das autoridades médicas da cidade no século XIX, bem como sua correspondência, são enfáticos em denunciar aquilo que era para eles da mais alta gravidade, envolvendo o destino das águas servidas, o lixo, a poeira ou a construção de estrebarias situadas em áreas localizadas em extremos da cidade

que iam sendo incorporados à área habitada de uma cidade em expansão. Em 1877, o Inspetor da Saúde Pública, referindo-se ao extremo sul do Recife, condenava a companhia de serviços de esgotos da cidade, por ser o receptáculo das matérias fecais dos 90.000 habitantes desta cidade para d'ahi serem lançadas ao mar além do Pina.³

Dentre as inúmeras críticas que, no final do século XIX, foram dirigidas à companhia encarregada dos serviços de esgoto, merece destaque essa denúncia de um engenheiro, tratando do estado do saneamento do Recife: Com efeito, existe uma canalisação da Companhia Recife Drainage para as matérias fecaes; enfim os líquidos impuros despejam uns no rio Capibaribe, outros no mar.³ Outro tanto sofriam os rios que passavam pela cidade. Em relatório escrito em 1878, a autoridade médica revela toda a preocupação com os males que a poluição das águas dos rios trazia aos moradores da cidade. Seu relatório vale por uma denúncia detalhada do grau de insalubridade dos arrabaldes do Recife e o papel que as águas dos rios aí desempenhavam, aludindo ao grau de mortalidade a que tem sido levado o rio Beberibe em consequência de terem-no convertido em lavatório geral de roupas sujas de doentes de todo governo, tratadas nos hospitais e casas particulares. Descrevendo o rio como um receptáculo de toda imundície, conclui o médico:

É portanto no rio que se lavam animaes irracionaes e os racionais que têm necessidade ou gosto de tomar banhos frios; é no rio que se lançam os animaes mortos, é no rio que se lançam as matérias fecaes e toda qualidade de imundície; é no rio que se lavam as roupas dos bexiguentos, samentos de febres typhicas, e toda especie de febres malignas.⁴

É um fato que a instalação das usinas vem agravar esse quadro em toda a região próxima do Recife e não só do rio Capibaribe ou Beberibe. Freyre, descrevendo a degradação ambiental provocada pelas caldas fedorentas das usinas, alude ao fato de que na semana no Natal de 1936, o Rio Goiana, em Pernambuco, recebeu tanta calda que a quantidade de peixe podre

foi enorme. Parecia uma praga do Velho Testamento (FREYRE, 1985:35). Do mesmo modo, estudos realizados por especialistas, em 1954, reafirmam os efeitos danosos dos resíduos das usinas e o massacre, a extinção, não só dos peixes atuais, como dos peixes futuros também (CHACON, 1959: 59).

Comentando a relação da cidade com as águas, Freyre indica o desprezo que se estava dedicando ao rio, de modo que deixa evidente a decomposição da estampa desenhada por Schlappriz:

E os casarões da Madalena davam todos a frente para o rio. Ainda hoje, subindo-se o Capibaribe de lancha - passeio que o turista se empenhe com seus amigos para fazer, de preferência de manhã cedo, ou no fim da tarde - vêem-se dessas velhas casas, amigas do rio. O rio, porém, não tem o prestígio de outrora. Já não se vêem às suas margens os banheiros de palha da gente lorde; da gente que ia passar a festa no Poço, cujas águas chegaram a ser consideradas quase milagrosas, dando origem à devoção de N. S.ª do Panela. Só muleques tomam banho e lavam cavalas. Só as ioles com os rapazes do Náutico ou uma ou outra lancha alegrem o rio de encamados e azuis esportivos (FREYRE, 1961: 103).

Já nos banhos de rio, referendo-se à infância de Manuel Bandeira, Freyre retoma a visão daquele dia, descrito em poema de 1925, em que o poeta, na estação de banho do arrabalde de Caxangá, viu uma moça nuinha no banho. A imagem da moça mergulhando nas águas do Capibaribe, um componente da mitologia poética de Manuel Bandeira, nunca mais abandonará a imaginação dos cronistas recifenses saudosos do passado. Na metáfora humanizadora de Gilberto Freyre, as elites locais iram virando as costas para os rios e se voltando para as novas áreas de banho na orla de Boa Viagem, que, com a abertura de uma larga avenida ligando a praia à cidade, e a introdução de melhoramentos, tem o prestígio reforçado pela influência da voz dos médicos que recomendam banhos de mar para diversos males (ARRAIS, 2004). O hedonismo da praia, a busca dos favores dos banhos salgados, vão atraindo os

desejos das elites urbanas. A descrição dos banhos de mar em Boa Viagem, feita por Freyre, não deixa de trazer a crítica ao cosmopolitismo dos administradores e das elites locais, que os levava a copiar avidamente a arquitetura do Rio de Janeiro. O mais importante, porém, é a referência do autor, mais uma vez, ao modo como as sensações da água despertam nas recifenses a memória do passado colonial nos banhos recebidos dentro das casas grandes:

Hoje o chic repita-se que é o banho de mar. Boa Viagem, Olinda. São as duas praias elegantes da gente recifense. Boa Viagem cheia de palacetes novos, nem todas se recomendando pelo bom gosto. O turista seja indulgente: lembre-se dos horrores de Copacabana. Uma Copacabana que não tem o mar de água doce morna das praias do Recife. Tão morna que parece banho dos outrora preparados para seus iaiôs de estimação (FREYRE, 1961:103).

No *Guia*, tratando das águas, Freyre não deixa de explorar as lendas com que as águas alimentavam o imaginário da população da cidade. O Riacho da Prata, situado em Apipucos, dessedentou a população do núcleo urbano através dos canos da Companhia Beberibe, mas também forneceu vasto repertório mitológico à cidade. Dentro desse repertório, poderíamos lembrar a lenda de Branca Dias, a dama rica que, nas aflições sofridas nos dias das perseguições por parte da Inquisição, ali atirou sua prataria, depois do que o riacho ganhou fama de mal-assombrado (FREYRE, 1974: 45-48; COSTA, 1974: 189-194; CHACON, 1959: 97-100).

No *Guia*, Freyre protesta contra o esvaziamento dos significados do rio para os recifenses. O rio deixara de figurar como um componente de uma paisagem romântica, perdera o lugar de conduto utilitário que integrara o mercado da capital aos engenhos, levando as caixas de açúcar, as pessoas e o mobiliário das famílias em constante mudança de um lugar para outro da cidade. Ao mencionar as lendas que se escondiam nas águas dos rios, Freyre põe à mostra os efeitos de uma modernização que redefinia a geografia dos prestígios dentro da cidade: *Infelizmente as*

águas de rio são hoje no Recife —célebre outrora pelos seus banhos de rio— águas sujas. O banho bom, higiênico, lúdico —outrora um dos regalia de Apipucos— é, no Recife atual, o de mar. Sabretudo na Boa Viagem (FREYRE, 1961:53).

Freyre retomou esse ponto em outros livros, em especial *Nordeste*, expondo o efeito perturbador e destrutivo que a indústria açucareira introduziu na natureza, desfazendo a relação idílica entre os indivíduos e o rio, situada num tempo anterior ao capitalismo, relação que caracterizava aquilo que seria designado como região Nordeste, conceito urdido no jogo de forças políticas nacionais entre as elites locais, do qual Freyre será o principal artífice (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999). A instalação das usinas, introduzindo as forças industriais na produção açucareira, não detém o declínio da economia açucareira, não impede a queda do prestígio político das elites locais na política nacional e, por outro lado, acelerava o ritmo da dissolução do patriarcalismo rural. A usina, ao mesmo tempo em que provoca a cisão dentro da elite produtora, entre senhores de engenho e usineiros, resulta naquele desencantamento do mundo que Freyre acusa todo o tempo:

O monocultor rico do Nordeste fez da água dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas usinas. E as caldas fedorentas matam os peixes. Envenenam as pescadas. Emporcalham as margens. A calda que as usinas de açúcar lançam todas as safras nas águas dos rios sacrifica cada fim de ano parte considerável da produção de peixes no Nordeste (FREYRE, 1985:35).

A partir dos anos 1930, o rio perde todo o substrato para alimentar experiências espirituais, qualquer propriedade que possa inspirar a imagem dos contornos pitorescos das aquarelas do século XIX. O rio vai entrar na cidade, como o viajante pobre, sujo e sofrido, carregando as notícias de tudo que via em sua longa trajetória desde o sertão. O quadro mais representativo do que o rio de arrabalde passa a representar para a cidade do Recife é fornecido pela voz do maior poeta recifense. Para João Cabral de Mello Neto, o rio se converte em narrador da miséria humana da fome e da degradação am-

biental. No longo monólogo, publicado em 1953, intitulado *O rio (ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife)*, o Capibaribe, ao entrar nas terras dos canais, terra que apodrece sob o verde, aquelas que foram terras de engenho/agora são terras de usina, descreve a voracidade da monocultura que foi matando os engenhos e reduzindo, numa ação autológica, os grupos produtores locais, deixando um solo de miséria: o rio *Vira usinas comer/As terras que ia encontrando* e, ao entrar nos arredores recifenses, repete o topos freyreano da degradação das águas pela indústria usineira: *A cidade se forma Com água densa de terra/onde muitas usinas urinarão/água densa de terra/e de muitas ilhas engravidada. Ao entrar no Recife, o rio nos fornece a descrição de que extraímos a passagem a seguir, aludindo às casas e aos seres que ele encontra pelo caminho:*

Casas de lama negra
há plantadas por essas ilhas
(na enchente da maré
elas navegam como ilhas);
casas de lama negra
daquela cidade anfíbia
que existe por debaixo
do Recife contada em Guias.
Nela deságua a gente
(como no mar deságuam rios)
que de longe desceu
em minha companhia;
nela deságua a gente
de existência imprecisa,
no seu chão de lama
entre água e terra indecisa
(MELO NETO, 1983).

Correndo numa paisagem inteiramente despoetizada, o rio mergulha dentro da metrópole regional em que se convertera a cidade no século XX, e que experimenta as consequências dramáticas do empobrecimento social a partir da terceira década do século XX. Nesse quadro, o rio perde os dons de evocar aquele passado imemorial dos recifenses, um passado em que a natureza reinava sobre as tensões da história. Agora ele se converte na testemunha que vai trazer o relato cruel da miséria que sobrevive na lama dos subterrâneos da metrópole regional.

Notas e Bibliografia

¹Outras fontes para as representações artísticas do Recife do século XIX estão em FERREZ, Gilberto (1984). *Raras vistas e panoramas do Recife: 1755-1855*, Rio de Janeiro, Recife, Fundação Nacional Pró-Memória, FUNDARPE; FERREZ, Gilberto (1988). *Velhas fotografias pernambucanas, 1851-1890*, Rio de Janeiro, Campo Visual; *Exposição comemorativa: iconografia do Recife do século XIX* (coleção Gilberto Ferrez e outros), Recife, Imprensa Oficial, 1954; MELLO, José Antonio Gonçalves de (1985). *Diário de Pernambuco: arte e natureza no 2º. Reinado*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

²Para uma visão de memorialista que viveu em arrabalde nobre da cidade, ver MORAES, Octavio e Eurydice (1967). *Roteiro do Barão Rodrigues Mendes*, Recife, Imprensa Universitária; sobre a idealização dos arrabaldes, ver ARRAIS, Raimundo (2004). *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*, especialmente cap. V, *O médico e as náuticas*.

³CLUB POLITECNICO PERNAMBUCANO. Conferência realizada no dia 3 de novembro de 1897. Pelo sócio L. Lombard, engenheiro de minas. Recife, Typ. Manoel Figueira de Faria & Filhos, 1897.

⁴Série Saúde Pública-40, 8 jul. 1878. Manuscrito. Arquivo Público Estadual de Pernambuco.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de (1991). *A invenção do Nordeste e outras artes*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, São Paulo, Cortez.

ANDRADE, Manuel Correia de (1989). *História das usinas de açúcar em Pernambuco*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

ARRAIS, Raimundo (2004). *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo, Humanitas/FFLCH, USP.

AZEVEDO, Nercaldo Pontes de (1996). *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*, 2. ed., João Pessoa, Editora Universitária UFPB, Recife, Editora Universitária UFPE.

BANDEIRA, Manuel (1966). *Andorinha, andorinha*, Rio de Janeiro, J. Olympio.

BERNARDES, Denis (1996). *O caranguejo e o viaduto*, Recife, Editora Universitária da UFPE.

CARVALHO, Alfredo de (1907). *Estudos pernambucanos*, Recife, Cultura Acadêmica.

_____. (1986). *Frases e palavras: problemas histórico-etimológicos*. 2 ed., Recife, FUNDARPE.

CAMPOS, Zélia Vilar (2001). *Doce amargo: produtores de açúcar no processo de mudança-Pernambuco (1874-1941)*, São Paulo, Annablume.

CHACON, Vamireh (1959). *O Capibaribe e o Recife: história social e sentimental de um rio*, Recife, Secretaria da Educação e Cultura de Pernambuco.

COSTA, F. A. Pereira da (1974). *Folklore pernambucano*, Recife, Arquivo Público Estadual.

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA: iconografia do Recife do século XIX (coleção Gilberto Ferrez e outros). Recife: Imprensa Oficial, 1954.

FERREZ, Gilberto (1984). *Raras vistas e panoramas do Recife: 1755-1855*, Rio de Janeiro, Recife, Fundação Nacional Pró-Memória, FUNDARPE.

FERREZ, Gilberto (1981). *O álbum de Luís Schlappritz: memória de Pernambuco: álbum para os amigos das artes, 18630*, Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife.

FERREZ, Gilberto (1988). *Velhas fotografias pernambucanas, 1851-1890*, Rio de Janeiro, Campo Visual.

FREYRE, Gilberto (1974). *Assombrações do Recife Velho*. 3. ed., Rio de Janeiro, Brasília, J. Olympio, INL.

FREYRE, Gilberto (1961). *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 3. ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio.

FREYRE, Gilberto (1940). *O mundo que o português criou*, Rio de Janeiro, J. Olympio.

_____. (1985). *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem no Nordeste do Brasil*. 5. ed., Rio de Janeiro, Recife, J. Olympio, FUNDARPE.

_____. *Ordem e progresso* (1974). 3 ed. Rio de Janeiro, Brasília, J. Olympio, INL.

FREYRE, Gilberto (1987). *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2. ed., Rio de Janeiro, Record.

FREYRE, Gilberto (1975). *Tempo morto e outros tempos*, Rio de Janeiro, J. Olympio.

HONORATO, Manoel da Costa (1976). *Dicionário topográfico, estatístico e histórico da província de Pernambuco*. 2. ed. Recife, Governo do estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura.

LEVINE, Robert (1980). *A velha usina: Pernambuco na federação brasileira (1889-1937)*. Trad. Raul José de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LIMA, Oliveira (1986). *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, Recife, FUNDARPE.

MEDEIROS, Amaury de (1924). *A physionomia dos avoares. Conferência realizada no dia 12 de novembro na Escola Normal do Estado pelo Dr. Amaury de Medeiros, por ocasião do encerramento da 'Semana das árvores', organizada pelo Centro Regionalista do Nordeste*, Recife, Séc. Tech. da Rep. de Pub. Officiaes.

MELLO, José Antonio Gonsalves de (1985). *Diário de Pernambuco: arte e natureza no 2º Reinado*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

MELLO, José Antonio Gonsalves de (1962). *Luís Schlappritz no Recife (1858-1865)*, Recife, Imprensa Oficial.

MELO NETO, João Cabral de (1983). *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. 18 ed., Rio de Janeiro, J. Olympio.

MORAES, Octavio e Eurydice (1967). *Roteiro do Barão Rodrigues Mendes*, Recife, Imprensa Universitária.

MOREIRA, Fernando Diniz (1994). *A construção de uma cidade moderna: Recife (1909-1926)*. Recife, Mestrado (MDU-UFPE).

NABUCO, Joaquim (1976). *Minha formação*, Rio de Janeiro, Brasília, J. Olympio, INL.

SILVA, Leonardo Dantas (2001). "Pernambuco, história e aspecto de sua paisagem". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 162 (411), ab./jun., p.:9-55.

WILLIAMS, Raymond (1989). *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo, Companhia das Letras.



Vista do cais da Ponte d'Uchôa. Litografia de Luís Schlappriz, 1863-1865. FERREZ, Gilberto (1981). O álbum de Luís Schlappriz: memória de Pernambuco: álbum para os amigos das artes, 1863, Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife.